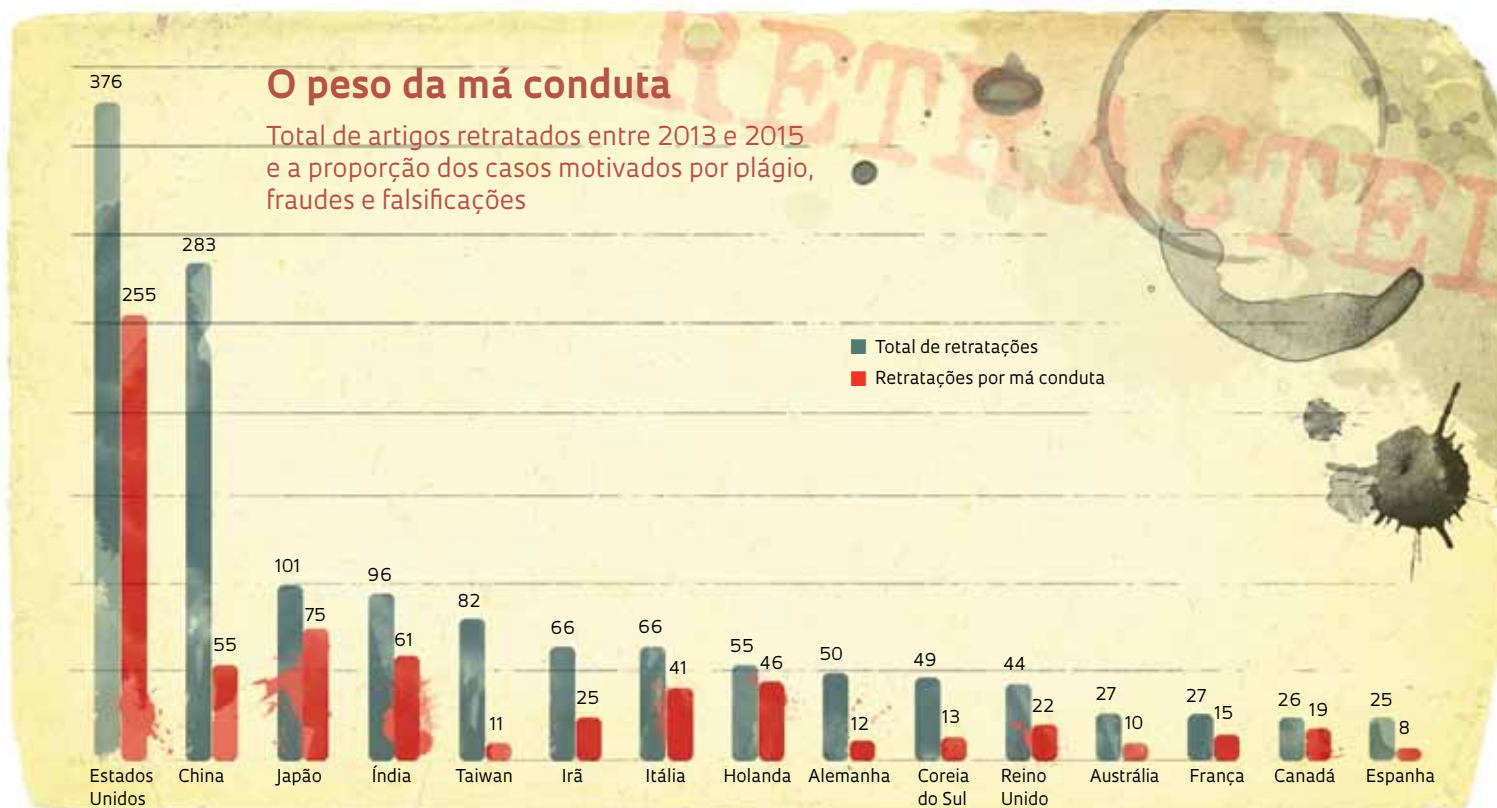


# BOAS PRÁTICAS



## Radiografia das retratações no mundo

Estudo utiliza acervo de notícias publicadas no site Retraction Watch para traçar um panorama dos deslizes éticos em publicações científicas

Lançado em 2010 pelos jornalistas norte-americanos especializados em ciência Adam Marcus e Ivan Oransky, o site Retraction Watch ([www.retractionwatch.com](http://www.retractionwatch.com)) tornou-se uma fonte de informação sobre a ocorrência de casos de má conduta científica no mundo. Sua especialidade são as retratações de artigos científicos, ou seja, o cancelamento de *papers* após a publicação devido à descoberta de fraudes ou erros. A novidade é que o acervo de informações do site começa a abastecer estudos sobre a correção da literatura científica. Um artigo publicado em janeiro na revista *Scientometrics* analisou 1.623 retratações divulgadas entre 2013 e 2015 com base em parâmetros como país de origem, área do conhecimento e causa da retratação. O trabalho foi coordenado por Sonia Vasconcelos, pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em coautoria

com sua aluna de mestrado Mariana Ribeiro no Programa de Educação, Gestão e Difusão em Biociências do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis.

Observou-se que as retratações divulgadas no site estavam distribuídas por 71 países, mas a análise teve como foco as 15 nações responsáveis pela maior parte (85%) dos casos (*ver quadro acima*). Em comum, são países bastante produtivos em termos de publicações científicas. O Brasil não figura nessa lista, apesar de em 2015 ter ficado em 13º lugar no ranking das nações com maior número de artigos indexados na base de dados SCImago Journal & Country Rank. Segundo Sonia Vasconcelos, a ausência do país provavelmente se deve ao fato de a quantidade de artigos brasileiros no PubMed, banco de dados com a literatura da área biomédica, ser mais baixa que a de outros países.

A pesquisa mostra que as ciências biomédicas, médicas e clínicas responderam por mais de 60% do total de retratações entre 2013 e 2015. As chamadas ciências duras, como a física, representaram 17% das retratações; áreas multidisciplinares, 12%, e ciências humanas e sociais, 8%. Sonia chama a atenção para o fato de que o Retraction Watch tende a publicar mais notícias sobre casos nas ciências biomédicas pela maior familiaridade dos criadores do site com essas áreas. “Também não podemos ignorar que, historicamente, as áreas biomédicas vêm sendo as mais ativas no âmbito das ações em integridade científica e ética em pesquisa”, diz. As ciências humanas e sociais tiveram uma quantidade de retratações (118) menor que a de outros campos. Mas 58% delas se referiram a casos de má conduta científica, uma proporção superior à observada nas demais disciplinas. Segundo Sonia Vasconcelos, isso pode ser parcialmente explicado pela existência de pesquisadores de ciências humanas e sociais reincidentes, cada um deles com vários artigos retratados por deslizes éticos.

Cada *paper* retratado discutido no Retraction Watch foi creditado a apenas um país, aquele a que pertence o autor correspondente, em geral responsável pelo conjunto dos resultados. Juntos, Estados Unidos e China representaram cerca de 41% do total de retratações, com 376 e 283 artigos cancelados, respectivamente. Os Estados Unidos também tiveram o maior número de retratações por má conduta (225), seguidos por Japão (75) e Índia (61). Um caso peculiar foi observado no Japão: apenas dois autores, o endocrinologista Shigeaki Kato, ex-pesquisador da Universidade de Tóquio, e o cirurgião Yoshitaka Fujii, da Universidade de Toho, foram responsáveis por 28 e 20 retratações, respectivamente – isso representa 48% de todos os casos japoneses no período analisado.

Sonia observa que o Retraction Watch exibe apenas uma fração das retratações, aquelas relacionadas a periódicos de maior prestígio, indexados em bancos de dados internacionais. Para ampliar seu alcance, o site criou no ano passado um banco de dados abrangente,



com uma cobertura mais ampla que a oferecida pelo acervo de notícias. “Essa base ajudará a ampliar a compreensão sobre o cenário de correção da literatura científica e permitirá um aprofundamento das considerações que fizemos no artigo publicado em janeiro”, afirma Sonia. Em nota publicada em agosto de 2017, a equipe do Retraction Watch informou que o banco de dados já havia catalogado aproximadamente 8 mil retratações. Estima-se que esse número chegue a 15 mil nos próximos meses.

#### PRÁTICAS QUESTIONÁVEIS

No estudo publicado na *Scientometrics*, as autoras identificaram que 47% das retratações foram causadas por formas mais graves de má conduta científica, como fraudes e manipulação de dados. Já erros em que não há indícios de má-fé dos autores foram responsáveis por 11% dos cancelamentos. Também houve registro de práticas questionáveis que nem sempre caracterizam má conduta. “Mas algumas delas colocam em risco a confiabilidade do artigo, como, por exemplo, distorções na atribuição de autoria e conflitos de interesse não declarados”, explica Mariana Ribeiro.

As autoras alertam que os resultados podem ter vieses. “A predominância de casos de má conduta pode significar que

o Retraction Watch discute muito mais episódios motivados por falhas graves ou intencionais, porque isso atrai maior atenção dos leitores”, explica Sonia. Mesmo assim, diz ela, o estudo reflete um cenário já indicado em trabalhos anteriores. Outro estudo, publicado na *Scientometrics* em 2013, mostrou que a porcentagem de todas as retratações envolvendo alegações de má conduta cresceu de 55%, do total em 2007, para 71%, em 2010.

Embora o Brasil não tenha sido contemplado na análise, em um estudo publicado em 2016 na revista *Science and Engineering Ethics*, Sonia e outros autores mostraram que houve crescimento no número de casos de má conduta científica detectados envolvendo autores brasileiros nos últimos anos (ver Pesquisa FAPESP nº 240). O trabalho analisou mais de 2 mil *papers* indexados na biblioteca virtual brasileira SciELO e na base de dados latino-americana de informações em ciências da saúde (Lilacs) entre 2009 e 2014. Ele indicou que as retratações estão em ascensão nas duas bases de dados: entre 2004 e 2009, foram identificadas de uma a duas retratações por ano; já entre 2011 e 2012, a média subiu para sete. O plágio foi a principal razão para as retratações dos artigos brasileiros, sendo responsável por 46% do total.

## O espectro da eugenia na universidade

A University College London (UCL), no Reino Unido, anunciou que irá investigar um pesquisador acusado de promover clandestinamente, no *campus* da instituição, conferências sobre inteligência e eugenia nos últimos três anos. Os eventos foram organizados por James Thompson, professor do Departamento de Psicologia e Ciências da Linguagem da UCL, que adotava medidas extremas para manter secretas as conferências. Segundo o jornal *The Guardian*, Thompson informava os convidados sobre o local do evento apenas no último minuto. Os encontros, com no máximo 25 participantes, eram realizados, em sigilo, em uma espécie de sala de espera.

Em 2017, participou do encontro o jornalista Toby Young, designado no início do ano para chefiar o Office of Students, órgão do governo britânico responsável pela regulação do ensino superior. Young foi afastado do cargo após o caso ser revelado pelo jornal *London Student* no dia 10 de janeiro. Segundo a publicação, Richard Lynn, professor da Universidade de Ulster, Irlanda do Norte, deu palestras nas conferências realizadas em 2015 e 2016, onde teria defendido ideais da supremacia branca.

Em nota divulgada em seu site, a UCL informou que os eventos foram pagos com recursos externos sem que funcionários da instituição fossem notificados: “As conferências não chegaram a ser aprovadas pela UCL. Somos uma instituição comprometida com a liberdade de expressão e com o combate ao racismo e ao sexismo”. A UCL proibiu professores que participaram dos eventos de organizar qualquer tipo de encontro científico até o fim da investigação.

“Os postulados da eugenia ferem a ética na pesquisa ao propor que há raças ou indivíduos

superiores a outros, com base em princípios da hereditariedade”, explica a psicanalista Tamara Prior, que concluiu em 2016 um mestrado sobre o tema na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP). Segundo ela, a eugenia ganhou espaço nos meios científico e intelectual no final do século XIX, após o antropólogo e matemático inglês Francis Galton (1822-1911) cunhar o termo em 1883, em uma obra que propunha métodos de seleção artificial. Perdeu adeptos durante as primeiras décadas do século XX – mas não deixou de exercer influência em muitos ambientes, como o acadêmico e o médico, afirma Francisco Assis de Queiroz, pesquisador do Centro de História da Ciência da USP.

Ele recorda alguns casos notórios. “Na década de 1990, o sociólogo Charles Murray e o psicólogo Richard Herrnstein, dos Estados Unidos, defenderam a ideia de uma suposta inferioridade dos negros em artigos que discutiam



inteligência e a estrutura de classes”, explica Queiroz. “Mesmo com documentos como a Declaração de Helsinque e a Convenção de Nuremberg, que tratam de ética em pesquisa em seres humanos e condenam estudos com viés eugenista, alguns pesquisadores continuam promovendo ideias para justificar, de forma determinista e racista, traços como a inteligência.”

## Publicação da versão errada de artigo

Uma inusitada retratação de artigo científico foi anunciada pelo *Journal of Paleontology*, editado pela Paleontological Society, dos Estados Unidos. O *paper* cancelado, sobre registros fósseis encontrados na Austrália, continha diversos erros que já haviam sido corrigidos pelos autores. Os editores do periódico, porém, atrapalharam-se e publicaram a versão errada do manuscrito, anterior às correções. Como as retificações foram feitas sem usar o recurso do controle de alterações, os responsáveis pela revista acharam que a última versão enviada era idêntica à

anterior e não a consideraram. Alertados sobre o problema depois que o manuscrito foi publicado on-line, os editores cogitaram publicar apenas uma correção. Mas, como os trechos não corrigidos espalhavam-se por todas as páginas do artigo, optou-se pela retratação com republicação integral da versão correta. Um dos autores do *paper*, o biólogo Glenn Brock, da Universidade Macquarie, da Austrália, considerou um “final feliz” a retratação de seu próprio artigo. “Os autores ficaram satisfeitos com o resultado final”, disse ele ao site Retraction Watch.